

#23

ARTE E TERRITÓRIO

COM JORGE BRAGA JR

Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Jorge Braga Júnior

Eu sou Jorge Braga Júnior, ator no Grupo Código de Japeri, e lá também exerço a função de coordenador administrativo. Sou professor, produtor cultural de formação, dou aula em eventos da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, que é da FAETEC, do governo do Estado do Rio de Janeiro. Estou conselheiro do Conselho Municipal de Japeri, sou de Mesquita, na Baixada Fluminense. Estou no Grupo Código desde a sua fundação, em 2005, completamos 15 anos esse ano. Atualmente, estou concluindo o doutorado em Artes Cênicas na UNIRIO. Dentro do Grupo Código, a gente participa de movimentos, como a Rede Baixada em Cena, que é um grupo de teatro da Baixada Fluminense; da Frente Teatro RJ, grupo de artistas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro; e do Movimento Japeri + Cultura, que visa a organização de artistas e fazedores de cultura da cidade de Japeri, do território.

O Grupo Código é, hoje, uma associação cultural, sem fins lucrativos. Surgiu através da Companhia Código de Artes Cênicas, e essa companhia foi fruto do Projeto Tempo Livre, do SESC-Rio, numa parceria com o Grupo Nós do Morro, que fomentou a criação e a solidificação de grupos de teatro no interior do Estado. Em 2005, surgimos em Japeri, enquanto companhia de teatro e, em 2007, a gente se formaliza como pessoa jurídica, como o Grupo Sócio-Cultural Código, que é o nosso nome, e, no decorrer da nossa trajetória, fomos aumentando o nosso campo de atuação. Além dos espetáculos teatrais, já fizemos oficinas culturais para a comunidade, exibição de filmes, temos uma biblioteca. Atualmente, temos três vertentes no nosso trabalho. A primeira é a Companhia, que deu origem ao grupo; a segunda são as oficinas de teatro para a comunidade; e a terceira é o Espaço Cultural Código, que é essa nossa sede, um espaço onde estamos desde 2005, e que serve como espaço de apresentação de espetáculos, realização de eventos culturais e outros que envolvam a comunidade. Temos uma biblioteca, que é a Biblioteca Marcos Félix - a maior parte dos livros é dedicada à área da cultura; temos o Cine Belém, para exibição de filmes de forma gratuita para a população - claro, isso tudo dentro do contexto antes da pandemia. Essa associação foi se redesenhando ao longo desses 15 anos, e, atualmente, atua no território, de forma integrada a outras redes.

Ao longo desses últimos anos, com o trabalho das oficinas culturais e, mais recentemente, das oficinas de teatro, percebemos que a arte propõe um novo olhar diante da realidade. Assim como eu falei como o território é matéria-prima para o nosso teatro, acho que a arte devolve um novo olhar também sobre o próprio território daqueles jovens. Estamos situados na cidade de Japeri, que tem todo um estigma, por ser uma região com indicadores sociais muito complicados, na verdade, é o menor IDH da Baixada. Enfim, a Baixada Fluminense já traz, por si só, um estigma muito grande, por parte das outras regiões. É periferia, mas é diferente do subúrbio, e Japeri traz um estigma maior, talvez porque acontece também dentro da própria Baixada. Então, isso acaba repercutindo na própria subjetividade desses jovens. Falo principalmente dos jovens, mas acho que também das crianças. É um lugar que aparece no Wikipedia como a “cidade do nada”. Então, como isso afeta a mente desses jovens, das crianças? É um lugar em que as pessoas não querem estar. E, aí, eu acho que a arte, no caso mais especificamente, o teatro, as artes cênicas, como um todo, elas permitem, através da construção, uma ressignificação do próprio território, um novo olhar diante daquele território. A gente sabe que existe uma concentração muito grande de veiculação de informações, da mídia. A gente não tem TVs locais, a gente não tem essa prática nas cidades, então temos sempre uma imagem que está sendo veiculada de miséria, de fome, e isso tem um aspecto negativo. Eu acho que o teatro - não que a gente vá, através do teatro, dizer que tudo é uma maravilha. Também não é isso. Mas é permitir que se olhe também a potências daquele lugar, se não a gente fica também, como a Chimamanda fala, que é aquele perigo da história única. Japeri é isso, é só dados complicados, alarmantes. É isso, mas é também uma cidade onde tem uma série de pessoas que trabalham na área da cultura, trabalhadores que vão para a área da construção civil, muitas mulheres são empregadas domésticas no Rio de Janeiro. Isso tudo, quando é ressignificado no espetáculo, na peça de teatro, é visto por um outro olhar. Até porque essas narrativas que são construídas no território, elas não têm lugar em grandes veículos de comunicação, que são hegemônicos. Então, a gente acaba criando uma contra - hegemonia, uma outra narrativa sobre esse território. A gente acredita que, no teatro, tem feito isso, nesses últimos anos, através do diálogo, trazendo os jovens e seus pensamentos e reflexões para dentro da cena.

Espectáculos criados pelos alunos são propostos por eles. Então, o que eles acham que é importante falar, o que é importante dizer, eles trazem isso e a gente constrói junto. Acho que é fundamental que os jovens tenham esse incentivo. Eles trazem a novidade, eles trazem o frescor das ideias. Acho que é fundamental permitir um novo olhar sobre o território. Um olhar menos viciado, um olhar que não está somente na superfície, que olha, mas não vê. O importante é perceber também todas as nuances que estão naquele território, perceber as relações que se estabelecem naquele território. Acho que a arte tira esse jovem do lugar, nesse sentido. Um lugar comum. E tira desse pensamento comum para poder repensar o próprio território, a própria existência, a própria noção de que o que ele faz pode ter

impacto. Acho que o próprio Grupo é uma prova viva disso. A gente, cada vez mais, tem percebido isso. Porque não é número, né? As pessoas, as vivências permitidas através dos projetos que a gente já desenvolveu. Como isso muda a visão desses jovens em relação à vida, ao lugar. Como eu falei, muitos vieram fazer parte da instituição, atuam na instituição em determinadas funções porque entendem a importância do Grupo Código no território. Entendem também, através da arte, o impacto que tem, não só o espetáculo, a oficina que eles estão fazendo, mas tudo o que se desdobra a partir daí, toda a reflexão que é possível a partir daí. Acho que é fundamental que eles percebam que eles são sujeitos das suas próprias vidas e podem transformar o seu território.

Então, participar do edital Impulso tem muito a ver com tudo isso que eu já falei. A gente sempre pensou no Grupo Código como uma organização, uma associação, que ficasse para o território, que fosse casa de vários jovens, enfim, que esses jovens pudessem circular nessas funções, e que o Grupo fosse, de fato, do território. Acho que a gente tem conseguido fazer isso. E o edital Impulso vem um pouco nessa direção. Por quê? Muitos dos jovens que entraram agora, ou há pouco tempo na instituição, participaram das atividades que foram direcionadas para a gente, dessa capacitação, em relação a várias áreas de comunicação, a parte de gestão, que para nós era fundamental se reorganizar. Porque a gente vem de diversos movimentos - temos os fundadores, as pessoas que foram saindo e entrando, voltando. Fomos criando uma espécie de ter um novo olhar sobre o que a gente fazia. E veio num momento de mudança, e que se encaixava perfeitamente com aquilo que a gente queria fazer. O Impulso começou para a gente no ano passado. Nesse ano, a gente já pensou em planejamento estratégico, como poderemos desenvolver as nossas atividades nos próximos cinco anos, para quando completarmos 20 anos, como a gente pode repensar todas as nossas práticas, nos reorganizar, trabalhar a nossa comunicação interna. Enfim, acho fundamental para que a gente criasse esse novo olhar, que a gente se reorganizasse e se realimentasse também. Porque, às vezes, quem está há muito tempo no Terceiro Setor e trabalha com arte, tem horas que a gente toma tanta porrada da vida, que a gente fica, às vezes, um pouco até desanimado. E aí quando a gente vê que tem outras pessoas que acreditam também no nosso sonho, a gente se anima, fica muito feliz. E participar do Impulso trouxe para nós, não só essa parte da organização, mas para cada um, individualmente, os integrantes do Grupo, um aprendizado, uma forma de lidar. E, além disso, nos trouxe a possibilidade de participar da campanha "Rio contra a Corona", depois "União Rio", através da Ecos, enfim, nós fomos ponto de distribuição de cestas básicas para o município de Japeri. Trouxe, também, uma outra relação com a comunidade, porque a gente tinha uma relação muito voltada na área do teatro, e com essa necessidade em relação à pandemia, a gente acabou se direcionando também, obviamente, para esse lado social, fundamental para garantir a existência dessas pessoas, dos moradores. Então, o Impulso trouxe muito aprendizado, não só para a elaboração de projetos, mas para a vida mesmo, para lidar com o outro, lidar com os desafios.

Acho que os desafios são esses: sobreviver, lutar, para continuar transformando a nossa realidade, transformando o nosso território, ressignificando esse território, para que a Baixada Fluminense deixe de ser sinônimo de pobreza, miséria. Para que seja sinônimo de potência, de afeto, de construção coletiva. Acho que esse é o nosso desejo maior.